

## O relógio dos poemas: estes e outros dias

*Sinto, às vezes, que envelheço  
a contar na paisagem os ninhos  
que farás nesses pinheiros ...*

### **Anjo 7**

*... Depositei aí as palavras  
que eram a terra vermelha  
onde prometi a deus irem morar  
os meus dedos ...*

### **Anjo 13**

Num mundo em que somos cada vez mais e também cada vez menos (menos os que lêem poesia e os livros), num mundo em que «**são maus [os] tempos para o lirismo**», como escrevia Bertolt Brecht, num mundo em que se anuncia a morte, por velhice, da poesia e dos poetas, assistir à apresentação de um livro de poesia, de um excelente livro de poesia, razão por que nos reunimos aqui hoje, é motivo duplo de satisfação e de orgulho! Falemos, pois, da poesia que conhecemos e que amamos, falemos d' «**O Livro do Anjo**», falemos da poesia de Pompeu Miguel Martins.

A poesia nasce do gesto criador do homem, da necessidade de fazer demorar pequenos ou grandes instantes no registo eterno da memória. O mesmo é dizer que a poesia, tal como a pintura, ou a arquitectura, ou qualquer tipo de arte, pretende alongar tanto quanto possível o relógio natural do homem, vencendo a finitude que sempre o acompanha e contra a qual funciona, em última análise, a própria arte.

Ora nenhuma realidade é tão paradoxal, tão dolorosa e tão dominadora como o Tempo. Assistimos à sua passagem, contabilizamos os dias e os anos, sentimos o nosso próprio amadurecimento e o nosso envelhecimento e dizemos, por conseguinte, que o Tempo é objectivo!

Por outro lado, alimentamos saudades, recordamos e evocamos acontecimentos passados, sentimos a perda de algo ou de alguém que nos deixou. Dizemos então que o Tempo pode ser psicologicamente assumido, ou seja, subjectivado!

## O relógio dos poemas: estes e outros dias

«**O Livro do Anjo**» de Pompeu Miguel Martins, que hoje aqui apresentamos, mostra-nos o quão fundamental se torna o Tempo nas nossas vidas e na sua própria poesia. É de Tempo que se alimenta este livro, do Tempo que é, simultaneamente, vários tempos – passado, presente e futuro – motivados sobretudo pelo olhar atento e transparente do poeta que, observando o exterior ou recordando-se de um instante já vivido, já pretérito, fracciona e destaca os quase imperceptíveis instantes do mundo, dando-lhe voz, dando-lhe corpo, dando-lhe matéria poética, ou, se quisermos, eternizando-os tal e qual uma fotografia que a alma imprimiu.

O **título deste livro**, a todos os níveis sugestivo e simbólico, merece-nos uma atenção muito particular já que **anjo** é uma figura ancestral, figura plurissignificativa e que neste caso pode ser interpretada de muitas formas: tradicionalmente, anjo é um mensageiro de Deus, o intermediário entre Este e os homens, uma espécie de figura tutelar e mediadora. Nesta acepção, e paralelamente, o **Poeta** é um anjo, porque transmite aos homens a linguagem cifrada da natureza artística.

Mas porque falávamos de Tempo, anjo é, outrossim, e lembrando as palavras de Rilke, «**a criatura na qual aparece já a transformação do visível em invisível feita por nós**», ou, se quisermos, a metamorfose, a transformação **do que deixou de ser** em pensamentos e emoções, em existência virtual e potencial, em matéria que a poesia retoma e reconstrói. Nesta última significação, anjo é a poesia e o poeta e a metamorfose, tudo ao mesmo tempo!

«**O Livro do Anjo**» é o livro do Poeta, o caderno do Anjo-Poeta e ou do Poeta-Anjo, o caderno onde se fixam impressões de todos os dias, mas sobretudo a experiência amarga da erosão do tempo, do tempo que apenas permanece na memória e daí «*Um livro sobre a perda. [A] Poética de um quotidiano que perdura apenas na memória ...*», como se pode ler na contracapa.

Esta obra constitui-se por quarenta e um textos, designados e enumerados de *O Anjo a Anjo 40*, sendo um conjunto pluriforme e polissémico, mas também convergente e uno, tanto pelo tom e estilo utilizados pelo poeta, como pelas temáticas, de algum modo próximas e subtilmente articuladas umas às outras por subtis mecanismos discursivos, semânticos e frásicos.

No poema inicial, *O Anjo*, que é de certa forma o prólogo e epígrafe desta colectânea, o poeta introduz-nos o estilo breve, límpido, quase lapidar, heterossilábico, variado, equilibrado e profundamente imagético dos seus textos. Aí, se diz que «*As palavras do meu caderno/ enrolam-se-me no dedos. [...]/ Caderno onde afogo os dias [...]/ no meio de tanta água, de tanto infinito*» e onde se fundem precisamente os papéis do **poeta** e do **anjo**: «*Como se assim fosse o anjo e este o seu livro*».

No mesmo texto, o sujeito poético reflecte sobre a «*transparência azul das letras*», laivo metapoético que nunca deixará de retomar no decurso do livro, e

## O relógio dos poemas: estes e outros dias

associa o acto de escrever ao **mar**, ao mar «*de peixes e corais*», ao mar das letras «*cheias de sal e de uma sede/ que me mata ao vencê-la*», ao mar, símbolo primordial da criação e da vida. O processo, chamado tecnicamente de metáfora e que consiste em relacionar caderno com «*mar de letras*», leva-nos a outros recursos estilísticos saborosos como a **metonímia**, a **sinestesia**, o **visualismo** ou o **zeugma**.

Estão lançadas as sementes poéticas de um livro de associações originalíssimas e totalmente imprevisíveis, quer entre os vários fonemas de um verso, quer entre as sensações provenientes de diferentes sentidos, entre as várias imagens colhidas e filtradas no **acto de olhar**, entre tempos verbais distintos ou ainda entre diferentes estilos e modos de dizer.

Ao longo dos quarenta poemas seguintes, o corpo deste magnífico livro, várias temáticas se interseccionam e se justapõem, tais como o **amor carnal** e a ausência da mulher, a **interioridade do ser**, a passagem do tempo, os sinais do envelhecimento e concomitante **sentimento de perda**, a própria **reflexão metapoética**. Estamos perante um livro que mantém, assim, diversas portas e janelas abertas sobre a vida, por onde o rosto escondido ou semi-escondido do sujeito lírico observa e espreita, pensa e escreve: «*Por detrás da janela escondo o rosto./ Mais atrás, uma mesa de sândalo/ vai suportando o peso do nosso tempo./ Nesta forma de ferrar o destino,/ os gritos que se ouvem, e que chegam/ de fora, são para mim apenas chuva*» (Anjo 3).

De entre o mosaico de temas e de motivos poéticos que se observam neste livro, um se salienta pela sua recorrência e por estar implícito em praticamente todas as composições – a **invocação da segunda pessoa**, de um «**tu**» **interlocutor** e com vários possíveis significados: mulher, vida, terra, anjo, poesia.

A identificação desse «tu» com a mulher parece-nos mais plausível, tanto mais que se inicia o primeiro *Anjo* com a sugestão ambígua do amor (do amor carnal e espiritual): «*É possível amar-te/ sendo tu o anjo que traduz/ a noite nas palavras mais/ de carne ou de estrelas*» (Anjo 1).

Vários outros poemas, partindo da presença ou da evocação da mulher companheira e amante, retomam a temática do **amor** (de um amor que é forçosamente espiritual, aquando da ausência da mulher, mas que assume uma poderosa sugestão erótica e carnalidade, quando o **eu poético** e a **mulher** se encontram *in praesentia*): «*Espero o corpo despido sobre o sofá [...]/ Brindo o odor do corpo jovem/ e do seu imparável brotar de ventos./ Chamo a profusão desejada/ do corpo em carne...*» (Anjo 4), ou «*... O movimento das pernas/ onde se caminha impossivelmente. As mãos/arreadas sobre a almofada agarrando/ o cheiro do teu cabelo de todos os tempos.*» (Anjo 5)

A ausência da mulher provoca no sujeito poético uma sensação incomensurável de **perda** e mesmo de **solidão**, ideia expressa, por exemplo, na

## O relógio dos poemas: estes e outros dias

imagem do «último pássaro/ a quem pediram que deixasse o céu» (Anjo 15), ou da espera interminável que pudesse culminar com o regresso da mulher, «O mundo à espera da salvação do dia/ e eu de ti, coberta de palavras brancas» (Anjo 16), regresso que fosse capaz de preencher o «... coração/ esvaziado de música/ e de palavras interrompidas.» (Anjo 17).

A **ausência da mulher** (motivo poético que se acentua a partir de Anjo 23) proporciona alguns dos mais belos e criativos poemas d' «O Livro do Anjo», exemplo do Anjo 18: «Tinha para ti uma carta de areia,/ restos de agosto em palavras de pedra,/ pequeninas, letras mágicas/ que ficam das maresias/ e do teu rosto de menina/ a chamar-me do vento [...]». Aqui o passado, perceptível logo no pretérito imperfeito de «Tinha», ficou dentro de uma «carta de areia», escrita num tempo de que só chegam «restos de agosto», sempre num registo metafórico e metonímico (bastante frequente na obra, diga-se), cuja evocação é feliz e dolorosa, ao mesmo tempo: feliz porque as palavras são «de pedra», são tão imperecíveis quanto «mágicas»; dolorosa porque «os dias nascidos do mar», dias de juventude, se não prolongam e antes «morrem/ e aí secam como os meus olhos».

No decurso do livro, o leitor mais atento compreenderá também a importância do **interior da casa** como espaço memorial e afectivo do poeta, lugar de recolhimento e de meditação, de saudade e, naturalmente, de perda (perda em relação ao tempo das coisas acontecidas): «Nos móveis tenho guardadas as cidades/ onde te espalhei ao longo do tempo [...]» (Anjo 11); ou então «um quarto assim quente e recolhido,/ um quarto cheio de palavras por dentro,/ como se falássemos/ ou pudéssemos regressar da felicidade» (Anjo 39).

É dentro da casa (de uma casa real ou mesmo onírica) que o poeta se situa quando descreve o exterior, estabelecendo com este complexas ligações, que passam por descrevê-lo fisicamente (como se de uma **tela** falássemos) ou, muitas vezes, evocando-o como pretexto para reflexões mais ou menos introspectivas, um pouco à maneira de Fernando Pessoa: «[...] Da janela de casa vê-se um pinhal/ com inverno à volta e um lenhador/ vestido com palavras de lã cinzenta./ Talvez chova sobre a terra/ e o frio volte a emoldurar a caixilharia/ gasta e húmida desta casa/ sempre inacessível do lado de fora./ É assim o passar das estações/ nesta morada a norte das montanhas./ Sinto às vezes que envelheço/ a contar na paisagem os ninhos/ que farás nesses pinheiros/ como se fosse possível nasceres/ muitas vezes na improvável primavera.» (Anjo 7).

Este poema mereceria uma atenção muito particular, mas limitar-nos-emos a assinalar a curiosa referência à «caixilharia» e à «moldura», como se o rectângulo ou quadrado da janela pudesse significar e coincidir com o limite de uma tela ou pintura que o poeta captou e que lhe suscitou a amarga constatação de uma «improvável primavera», que mais não é do que uma outra perda, esta muito mais universal e intemporal, que é a da juventude!

No interior da casa (**interioridade** que sugere conforto e equilíbrio, mas também, metaforicamente, a alma do poeta), vamos encontrando diversos objectos: a

## O relógio dos poemas: estes e outros dias

mesa de sândalo (Anjo 3), o sofá (Anjo 4), o vaso e as flores (em vários poemas), o frasco da Companhia das Índias (Anjo 19), a taça (Anjo 20), a pedra da lareira (Anjo 21), entre muitos outros, objectos ornamentais ou referências espaciais de casa (também denominada «palácio»), a um tempo «*lugar de criação*» do Poeta, seu abrigo e seu «*registo da memória*».

«**O Livro do Anjo**» é também, em certa medida, um livro metapoético, isto é, um livro de poesia onde se reflecte sobre a poesia. A metapoesia resulta do conhecimento técnico que o autor tem do seu acto poético e que o leva a falar das palavras e dos procedimentos técnicos, como de um verdadeiro objecto ou assunto literário. Esta consciência metapoética implica, no sentido em que Paul Valéry falou dela, a persistência de um trabalhar constante sobre o material poético, o delapidar do filão bruto e original do texto (que nunca é perfeito, mas que se pode aperfeiçoar). Ora neste sentido, a poesia de Pompeu Miguel Martins é uma poesia trabalhada, moderna, uma poesia onde a expressão artística não é sinónima de inspiração ou de imediatez, mas de desconstrução e reconstrução, uma poesia em laboratório que a torna adulta e elevada.

As palavras «*ganhando quase a forma*», num ofício laborioso e paulatino arrancam ao poeta estes versos fabulosos, tanto pelas imagens, como pelo inusitado teor metapoético: «*Pesam-me as horas que trabalham/ a pedra da lareira onde te escrevo ainda/ por dentro da madeira/ que entrego ao lume// e a cada verso choro a explosão/ dos pássaros que do fogo vão saindo*» (Anjo 21). Veja-se também o pequeno poema de Anjo 38, onde «*O registo da memória magoa-me/ as sílabas com que monto/ as palavras que fecham o dia*», composição temática bastante curiosa pela intersecção do tempo com o *fazer poético*, intersecção, aliás, a que regressa o autor noutros textos.

O esquema interseccional, a que já me referi no início desta apresentação, parece-me um dos argumentos interpretativos mais refinados desta obra e implica diversos de modos de ser. Uma das intersecções mais vezes efectuada e também com maior mestria é a mistura de sensações e de sentidos, chamada **sinestesia**. Apreciem-se exemplarmente estes versos de Anjo 35 : «*Uma palavra de açafão/ devolvia-me as tuas mãos inteiras/ ao sabor dos ventos/ que agora te espalham/ como gritam os cactos/ mais solitários dos nossos desertos.*» A intersecção entre a cor, o som, o odor e o paladar, num apelo sensorial extraordinário, é assegurada por uma outra intersecção, a do passado com o presente (expressa no predicado «*devolvia-me*»).

Sendo profundamente sinestésica, a poesia de Pompeu Miguel Martins é também profundamente imagística (ou imagética), socorrendo-se de um inesperado raciocínio visual, perceptível na « *... neve/ cobrindo a cidade de asas e de anjos,/ construindo o inverno ...*» (Anjo 22), ou na « *... explosão/ dos pássaros que do fogo vão*

## O relógio dos poemas: estes e outros dias

*saindo.*» (Anjo 21) ou no **cromático** (tantas vezes sugerido) como no extraordinário caso do «*lenhador/ vestido com palavras de lã cinzenta*» (Anjo 7).

Termino esta apresentação consciente de ter feito um só e primeiro esboço de leitura, esperando ter acenado convenientemente ao leitor d' «**O Livro do Anjo**» «*com as cores deste palácio*» e acreditando tê-lo atraído o suficiente ao contacto deste livro maravilhoso.

Ao seu autor, a ti, Pompeu, na humildade da minha própria poesia, faço o agradecimento e o elogio:

*a tí, Pompeu, e ao livro do anjo*

Há um anjo espetado  
no teu coração, um anjo que bebe  
contigo o sabor dos dias  
e sobretudo o asilo quente das memórias  
onde tu buscas de novo cada dia  
o primeiro homem e a primeira voz

assim foi crescendo em ti  
a língua tecida dos outros dias  
e a medula incomparável  
do poeta que decidiste ser

Fafe, 22 de Maio de 2001

**João Ricardo Lopes**